
LEITURA E APROPRIAÇÃO DO LITERÁRIO EM “A MENINA QUE NÃO SABIA LER”

READING AND APPROPRIATION OF THE LITERARY IN “THE GIRL WHO COULD NOT READ”

Márcio Araújo de MELO

Universidade Federal do Tocantins
marciodemelo33@gmail.com

Andreia Nascimento CARMO

Universidade Federal do Tocantins
dreiancn@gmail.com

Valdivina Telia Rosa de MELIAN

Universidade Federal do Tocantins
teliarosa@hotmail.com

Resumo: O trabalho, *A leitura e apropriação do literário em “A menina que não sabia ler”*, tem por objetivo apresentar os modos de leitura e de apropriação do texto literário feita por Florence, a protagonista e narradora do livro de John Harding. Para tanto, discute-se como a menina constrói esses modos de ler, de agir, de existir e sobreviver, organizando sua vida, a partir de suas leituras, tais como: Edgar Allan Poe, sobretudo os contos O gato preto, Berenice e o Barril de Amontillado; Henry James, A outra volta do parafuso; Conto de fadas, João e Maria, para ficar em poucos exemplos. O artigo também questiona a respeito de algumas formas de representação do leitor literário em narrativas literárias. Além disso, ele observa as relações das personagens-leitoras com os livros, a importância dada à literatura e ao ato de ler, apresentando formas da personagem-leitora de viver aquilo que se lê, em um agir a partir da experiência do outro. Em outras palavras: a personagem-leitora reflete em suas ações aquilo que ela apreende da sua leitura. Este estudo é de ordem bibliográfica. Para isso, adotou-se como aporte teórico estudos dos pesquisadores Ricardo Piglia (2006), Roger Chartier (1998), Wolfgang Iser (1999), Humberto Eco (1994), entre outros.

Palavras-chave: Personagem-leitora. Modos de leitura. A menina que não sabia ler.

Abstract: The article, *Reading and appropriation of the literary in “The Girl Who Could not Read”*, aims to present the ways of reading and appropriation of the literary text made by Florence, the protagonist and narrator from John Harding's book. Therefore, it is discussed how the girl constructs these ways of reading, acting, existing and surviving, organizing her life, from her reading, such as: Edgar Allan Poe, especially the short stories *The Black Cat*, *Berenice* and *The Cask of Amontillado*; Henry James, *The Turn Of The Screw*; Fairy tale, *Hansel and Gretel*, to stay in few examples. The article also questions about some forms of representation of the literary reader in literary narratives. Furthermore, it observes the relations of the characters-readers with

the books, the importance given to literature and to the act of reading, presenting the character-reader forms of living what one reads, one acting from the experience of the other. In other words: the character-reader reflects in her actions what she seizes from her reading. This study is of bibliographic order. For that, it was adopted as theoretical contribution studies of the researchers Ricardo Piglia (2006), Roger Chartier (1998), Wolfgang Iser (1999), Humberto Eco (1994), among others.

Keywords: Character-reader. Ways of Reading. The girl who could not read.

Algumas considerações iniciais

Em *O último leitor*, Ricardo Piglia (2006, p. 25) aponta para uma questão que se pode considerar central para o ensino de literatura: o que é um leitor? Essa pergunta, que para ele “é, sem sombra de dúvida, a pergunta da literatura”, bem como não se constitui como uma pergunta externa a ela, “é sua condição de existência”. Essa tem como possível resposta o próprio texto literário: “inquietante, singular e sempre diverso”. Se a resposta de Piglia parece suportar, em princípio, todo texto literário, que deve ser inquietante e diverso, aponta, por outro lado para uma variedade daquilo que se possa compreender por leitor. Esse leitor literário concebido, quase sempre de maneira idealizada, como extremo, apaixonado e compulsivo, “está longe de ser uma figura normalizada e pacífica”, (PIGLIA, 2006, p.21). Ademais, há inúmeras figurações e sentidos possíveis para esse leitor, que nos obriga a considerar, pelo menos, as escolhas e os modos de uso do livro e suas práticas de leitura. Sobre a relação livro e leitura, sabe-se que o controle, o manuseio, as formas de aquisição, o contato, a rejeição, a migração, o esquecimento, enfim, qualquer situação em que o leitor literário se depare com o texto produz uma construção de múltiplas imagens desse encontro. Pelas palavras de Roger Chartier pode se ler que:

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1998, p.77)

Não há dúvidas que as relações que se estabeleceram entre leitor literário e livro imprimiram não apenas os modos de ler, mas também formas corporais de se ler. Deixando, ao longo da história, uma infinidade de representações do uso do livro e do corpo usando o livro. Elas trazem as percepções pelo olhar que observa o como, o

quê, o porquê, quando e o quanto se lê. Tais percepções colocam em jogo os contornos de apropriação de um leitor temporal para com o objeto livro, formando figurações de leitura. Dos tantos exemplos possíveis, se oferece aqui o que Chartier (1998, p.79), a partir de Rousseau, apresenta: “os leitores dos livros pornográficos ou eróticos liam talvez com uma única mão”.

Pode se dizer, então, que entre os dois perfis extremos de leitor – aquele que não para de ler e o que nunca lê – cabem outras tantas figurações. Seja como leitores empíricos – eu e você, para usar uma das formas explicativas de Umberto Eco (1994) – seja como leitores idealizados – que *tudo* leem e *tudo* compreendem – ou ainda como leitores personagens – que são construídos como parte de representações artísticas, tais como em um quadro, em uma fotografia, em um texto literário. Pode-se anunciar, desse modo, que o corpo e o livro dentro de um espaço e tempo, ficcional ou não, podem criar inúmeras figurações de sentido. Em palavras suplementares: os modos de uso do livro de acordo com os diferentes ambientes produzem sentidos para aquele que lê ou vê esse “leitor em ação”.

Por essa perspectiva, esse trabalho procura perceber como a personagem-narradora de *A menina que não sabia ler*, de John Harding (2010), produz modos de ler e de se apropriar do texto literário. É uma personagem que constrói representações do ato de ler, trazendo para o campo do seu viver a ficcionalização do existir a partir da experiência do outro. Essa personagem, ao ler textos literários, apresenta não apenas um fazer de si com outro, uma identificação “natural” com o ato de ler, mas ela produz desdobramentos a partir de sua aventura de ler o outro e se constituir como ele. Está-se aqui no campo do *bovarismo*, nesse modo de ler que vive o texto literário, que reduplica o outro no seu existir como leitor.

1. A literatura humaniza

Ao discutir direitos humanos se literatura – questão fundamental no final da década de 1980 quando iniciava o período de redemocratização brasileira –, Antonio Candido (1995) apresenta a literatura como sendo um “bem incompressível” e, como tal, indispensável para nossa sobrevivência. Expondo como uma de suas premissas a necessidade diária que temos dela, Candido (1995, p.175) irá percebê-la como fundamental. Dito assim, a literatura “é fator indispensável de humanização”, o que

significa dizer que ela retrata a condição de humanidade da pessoa, e não exatamente a qualidade de ser boa ou má, “sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CANDIDO, 1995, p.175). Em uma perspectiva próxima, Ana Maria Machado (2011) ressalta que a leitura literária tem várias características que podem influenciar a vida do leitor e também a “do outro”. A autora traz para a literatura a metáfora do espelho, que refletiria a sua própria imagem ou janelas, por onde seria possível espiar “a vida dos outros”.

Às vezes, são um espelho para nos conhecermos melhor. Às vezes, são janelas para espiarmos a vida dos outros e podermos compreendê-los. Em ambos os casos, mesmo não sendo vistas como utilitárias, desempenham um papel fundamental para a felicidade de cada um e pra a vida em sociedade. Por um lado promovem o autoconhecimento. Por outro, estimulam a vivência da cidadania pela compreensão do outro, levam ao entendimento de limites, deveres e responsabilidades de cada um. (MACHADO, p.62, 2011)

Essa forma de ver a literatura, apresentada por Machado, é instigante, pois ela reflete os dois lados de nosso olhar com muita nitidez e clareza. Ao ler literatura, o leitor tem a possibilidade de a si mesmo analisar e analisar ao outro, produzindo uma reflexão que pode alterar seu modo de viver – seja ele qual modo for. A literatura, portanto, promove o autoconhecimento, podendo além disso melhorar a convivência com os outros. As práticas de leituras literárias promovem, sem sombra de dúvidas, a quebra de paradigmas preconceituosos, mas também podem desencadeá-los, visto que não há modos de controle perfeitos da leitura literária. Os modos de ler extrapolam as possibilidades de controle, já se sabe. Nesse sentido,

[...] é preciso descrever o processo da leitura como interação dinâmica entre texto e leitor. Pois os signos linguísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer dos quais o texto se traduz para a consciência do leitor. Isso equivale a dizer que os atos estimulados pelo texto se furtam ao controle total por parte do texto. No entanto, é antes de tudo esse hiato que origina a criatividade da recepção (ISER, 1999, p. 10).

A leitura do texto literário pode aflorar não apenas o lado ético do leitor, como também pode desabrochar nele outras possibilidades e modos de existir, dependendo da forma como ele coloca em prática essa leitura ou mesmo se a coloca. A literatura tem o poder de penetrar na mente, nas emoções, e a partir daí construir diferentes realidades para aquele que lê, retomando quando diz Candido (1995) que ao falar ela

atua no subconsciente e inconsciente. Nessa fronteira, entre real e ficcional, o leitor negocia suas identidades (como leitor e como indivíduo), vivenciando outros modos de vida. Como veremos pelos apontamentos de Nelly Novaes Coelho:

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (COELHO, p. 29, 2000)

Como produtora de identidades individuais e coletivas, a literatura atua “sobre as mentes”, se assentando em uma via de mão dupla, favorecendo a construção da personalidade humana, suas “paixões, desejos, sentimentos de toda ordem...”. No entanto, não se pode dizer que a literatura seria, exatamente, edificadora de sujeitos ‘amigáveis’ ou ‘dóceis’. Daí as perguntas iniciais deste artigo – “quem é o leitor” e “quais seus modos de leitura” – serem primordiais para a compreensão do processo humanizador da literatura. Para conceituar a leitura literária e esse processo, Vicent Jouve (2012, p. 40) recupera a ideia de *phármakon*, na qual o que diferencia remédio de veneno é a dosagem. Ainda que não se saiba com precisão qual seja a “dosagem correta” de leitura, pode-se dizer que seu uso produz sujeitos, muitas vezes, fora da ordem estabelecida como padrão.

[...] ler é um remédio que pode se transformar em veneno; a leitura pode embelezar a vida, mas também afastar da vida (a força da ilusão é então proporcional à da desilusão); ler responde a uma necessidade de compensar a insuficiência do real (ou ‘ler cria o sentimento da insuficiência do real’); há um modo de ler destrutivo (que é o reflexo invertido do que seria um modo de ler construtivo); a má leitura depende da atitude do leitor, mas também do tipo do livro lido (...). Em suma, a leitura tem a ver com a alienação, a dependência, a doença, a morte, o veneno, mas também com a proteção, o refúgio, o alisamento e o embelezamento. (JOUVE, p.40, 2012)

Segundo Jouve (2012) a literatura agiria no leitor de acordo com suas atitudes e necessidades. Ou por outras palavras: seus modos de ler, de se apropriar do literário e do livro constituiriam o leitor, por assim dizer. Na possibilidade de se criar campos opostos, haveria, segundo o autor, dois modos de leitura. Eles produziriam indivíduos alienados, dependentes e doentes, ou, na outra ponta, sujeitos protetores e embelezados. Pode-se observar, por essa compreensão, que para além da quantidade de leitura (uma dosagem que determinaria veneno ou remédio), o que produziria leitores tão opostos seriam os modos que se apropriariam da literatura.

Certa subjetividade que se constitui por seus anseios, suas buscas e o seu estado emocional, uma vez que a ela interage como pessoa em sua totalidade.

2. De quais textos *A menina que não sabia ler* é feita?

Em *A menina que não sabia ler*, de John Harding (2010), pode-se dizer que há uma questão central: a relação que Florence – uma menina de 12 anos – possui com a aventura da leitura, ou melhor: com os esforços que tem para conseguir manusear livros. Desde seu processo autodidata que inclui a alfabetização e o letramento literário, até as formas de burlar a censura do tio e dos empregados, ela vai se constituindo como leitora que consegue interagir com todos os níveis de textos com os quais entra em contato, evidenciando seu desenvolvimento e capacidade de formação como leitora competente. Além de ser capaz de ler diferentes textos literários, Florence lê a todo o momento, fazendo com que seu tempo se constitua para a leitura. Como leitora voraz, ela potencializa todos seus esforços para que essa ação exista. Ainda que seja obrigada a inventar espaços possíveis (quartos escuros, sótãos empoeirados, refúgios em torres), a se esconder para cometer o “crime da leitura”, a biblioteca (espaço desconhecido por quase todos da casa) é o ambiente idealizado por ela.

É interessante notar que o romance J. Harding apresenta outro espaço de ensino e formação do leitor que a escola. Embora não se deva esquecer seu importante papel na formação do leitor, é preciso lembrar, como explica Magda Soares (2014), que a criança que folheia livros, finge lê-los, vive rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, ainda que não saiba *ler*, já penetrou no mundo do letramento. O manuseio com os livros resulta no desenvolvimento cognitivo para o aprendizado da leitura, como se vê também pelos comentários de Ângela Kleiman (1995, p. 93) ao dizer que “a exposição constante da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre histórias em si, sobre tópicos de história, estrutura textual e sobre a escrita”.

Mesmo morando em uma casa na qual havia uma biblioteca encantadora, Florence é proibida de manusear livros e de aprender a ler, o que a leva para um processo de autodidatismo, mas também de roubos e fugas. Se os modos diversos de se apropriar do livro e de se ler o texto literário são partes da composição da

essência da literatura, Florence faz uso pessoal daquilo que lê. Como narradora-personagem, conduz sua história permitindo ao seu leitor empírico se aproximar de sua visão subjetiva. Ao longo de seu narrar há uma relação que marca as maneiras de se apropriar e fazer uso do livro literário. Sendo privada de uma educação formal ela apresenta, por assim dizer, a condição de subordinação e de luta das mulheres diante da época. O romance inicia exatamente com as explicações da narradora a respeito de sua relação com a leitura e a educação das mulheres.

É uma história curiosa a que tenho de contar, uma história de difícil absorção e entendimento, por isso é uma sorte que eu tenha as palavras para cumprir a tarefa. Se eu mesma digo isso, quanto talvez não devesse, é que, para uma menina da minha idade, tenho um ótimo vocabulário. (...). Porém, devido às opiniões rígidas de meu tio em relação à educação das mulheres, tenho escondido minha eloquência, soterrado meu talento e mantido as formas mais simples de expressão aprisionadas no cérebro. Tal dissimulação transformou-se em hábito e foi motivada pelo medo de que, se falasse como penso, ficaria evidente meu contato com os livros e eu seria banida da biblioteca. (HARDING, 2010, p. 01)

Das inúmeras possibilidades que são apresentadas logo no início do romance, destacam-se, aqui, o contato com os livros que produz uma leitora capaz de narrar “uma história de difícil absorção e entendimento” e o fato de a leitura ser proibida para a educação feminina. Se essa proibição de ler está circunscrita a Florence, não ocorre o mesmo a seu irmão, Giles, que frequenta a escola e, em outro momento, possui preceptora particular. A ordem –ainda que de um tio ausente, mas provedor – é que não se dê educação letrada à sobrinha. Essa atitude pode ter explicação no desgosto amoroso que ele teve, a qual atribui à boa formação letrada da amada. Sabe-se que às meninas, desde cedo, são dedicados os preparativos para o casamento, sendo os hábitos de leitura e escrita prejudiciais a essa conduta. Aos meninos, pelo menos das famílias abastadas, era dado o direito de frequentar a escola. Segundo Ariès (2012, p. 212):

Se a escolarização no século XVII ainda não era o monopólio de uma classe, era sem dúvida de um sexo. As mulheres eram excluídas. Por conseguinte, entre elas, os hábitos de precocidade e de infância curta mantiveram-se inalterados da Idade Média até o século XVII.

Ao longo da narrativa há presença de mulheres alfabetizadas como se vê pelas preceptoras, srta. Whitaker e srta. Taylor, bem como pela governanta sra. Grouse. No entanto, as práticas registradas por Ariès parecem permanecer ainda as do século XIX – período histórico da ficcionalização, tanto que para o tio de Florence um livro

nas mãos de uma mulher significava insubordinação. Ainda que não quisesse que ela aprendesse a ler – para evitar que tivesse vontade própria e se tornasse independente tal como fez sua ex-companheira que o abandonou –, ele não leva em consideração o perigo representado pela existência de uma biblioteca em casa. De maneira que esse espaço não apenas desperta em Florence o interesse pela leitura, mas possibilita sua aprendizagem e o existir nele como fuga.

Composta por Shakespeare, Gibbon, Walter Scott, Jane Austen, Dickens, Trollope, George Eliot, Poe, Longfellow, Whitman, Keats, Wordsworth e Coleridge, dentre outros, essa biblioteca – metáfora de um ambiente mágico a ser explorado – se apresenta e possibilita a Florence se tornar leitora voraz, que devora todos os textos literários ali presentes. E, por outro lado, lhe garante a expertise para conduzir sua narrativa; narrativa essa que dialoga com suas leituras literárias. Dito assim, as aventuras vividas pela personagem-narradora parecem fazer de seu cotidiano literário. Em outras palavras: suas leituras estão presentes em sua experiência, na sua forma de enredar seu viver. Sendo assim, é possível dizer que há um atrelamento entre o que ela lê, vive e narra, quer pelo clima fantástico que lembra *A volta do parafuso*, de Henry James e *O gato preto*, de Allan Poe; quer pela experiência de entrar em um mundo estranho, como *Alice, no país das maravilhas*, de Lewis Carroll; quer ainda pela semelhança enquanto filhos abandonados (Florence e Giles), como no conto de fadas *João e Maria*.

A narrativa de Harding não escapa aos lugares comuns tais como: um casal de irmãos órfãos que fica sob a responsabilidade de um tio ausente, que o “abandona” aos cuidados de empregados; um espaço mal-assombrado de uma mansão quase inabitada; crimes perfeitos para serem solucionados por um detetive. De maneira que essa narrativa parece construir uma mimetização de outras narrativas, como se fosse a voz das leituras da personagem-narradora, como se ela reproduzisse e vivesse aquilo que lê. O texto literário lido por Florence se desdobra na aventura do seu viver; sua sobrevivência só é possível porque faz da leitura arma.

Harding vai simulando a condução da narrativa a partir das leituras literárias de Florence, como se seu narrar fosse produto do que lê. Assim aparecem os contos de fadas nos detalhes do enredo: órfãos abandonados; madrasta-bruxa; os espelhos que tudo veem; a existência de um grande lago em que há o assassinato da bruxa; o castelo perdido no nada. Por outro lado, como condutora da narrativa, Florence parece

ter clareza de seu *bovarismo*, tanto que repete a mesma cena de João e Maria ao empurrar a senhorita Taylor para dentro do poço cobrindo-o com tábuas e lajes pesadas, fingindo que seu irmão lá estava, para, ao final, concluir vitoriosa: “Como João e Maria, eu havia me livrado da bruxa com um golpe magnífico.” (HARDING, p. 255, 2010).

Parece estar claro que Florence faz um entrecruzar de suas leituras como forma de agir e existir, fazendo delas estratégias de registro do viver. Tais registros são facilmente identificados na narrativa, tanto que há várias referências aos contos de Poe. Para exemplo, lembra-se de “O barril de Amontillado” em que há o enclausurar vivo e, por extensão, um crime perfeito para que o detetive Hadleigh possa solucionar. Este detetive, como os vários existentes na literatura, também é leitor de textos clássicos, fazendo referência a *Macbeth*: “Lembra-se da cena na festa, em que o fantasma de Banquo aparece para Macbeth?” (...) “– Não há fantasma. É apenas a culpa de Macbeth” (HARDING, p.156, 2010). Ainda que o Hadleigh não consiga provar o crime de Florence – como um leitor que não lê todas as pistas deixadas pelo caminho, uma espécie “Dupin imperfeito” –, dá a possibilidade para nós, leitores de “olhar privilegiado”, tecermos os enredos e julgara possível culpa de Florence. Estamos nos imperativos, ao final da narrativa, de: “decifra-me ou te devoro” e “me julgue, porque já sabe minha história”.

Como se sabe Florence “cola” suas experiências vividas aos livros que lê, entrelaçando textos literários, em um processo de ler, viver e escrever. Outro exemplo é sua relação com o conto “O gato preto”, de Poe, em que o plágio literário, no sentido atribuído por Michel Schneider (1990), e o bovarismo, parecem não incomodar narradora, que reproduz os passos e a escrita do narrador-personagem de Poe. No conto de Poe, após assassinato duplo: matar o gato e a esposa, o narrador dorme serenamente, “(...) dormi profunda e tranquilamente. Sim, dormi, mesmo com o peso de uma morte na alma” (POE, p.78, 2010). Em *A menina que não sabia ler*, a cena parece se reduplicar em ação e escrita, pois depois de dois assassinatos (do amigo e da preceptora), Florence anuncia que “Quando cheguei ao meu quarto havia plena luz do dia. Cansada demais para me despir ou mesmo puxar as cobertas, caí na cama e peguei num sono profundo.” (HARDING, p.273, 2010).

3. Modos de se apropriar dos livros literários

O livro de Harding poderia ter sido nomeado de *A menina que sabia ler*, pois Florence possuía qualidades de pessoa letrada, que sabe fazer uso da leitura e da escrita em suas práticas sociais. Ela apreciava a leitura literária, era uma leitora que lia por prazer, sendo capaz de ler diferentes textos e de modos diversos. Ao conhecer vários livros na “biblioteca desconhecida”, pôde escolher suas leituras (seus modos de ler e se apropriar do texto literário) relacionando-as ao que desejava ou precisava conhecer, entender e viver para, assim, abranger os interesses do momento e do que buscava alcançar. Apropriando-se de Rildo Cosson (2014, p. 73) para pensar as ações de Florence, pode-se dizer que era “como uma espécie de confirmação ou testemunho indireto do que foi ou está sendo vivenciado por aquela pessoa”, um modo de leitura que constituiu contexto-leitor.

Ainda que leitora devoradora, para usar uma categoria de Piglia (2006), no romance é possível conhecer a seleção que a personagem-leitora faz de escritores, estilos e textos literários que mais lhe agradavam. Seleção essa que é composta por romances góticos e narrativas relacionadas a sonhos ou circunstâncias sobrenaturais e, com isso, compreender o desenrolar da história, cujas referências são citadas, direta ou indiretamente, nas leituras que a menina estava fazendo ou já havia feito. Como trama que entrelaça livro e leitura, a obra é construída de *suspense*, crimes, mentiras, invejas, ciúmes. Das muitas leituras pelas quais Florence estava atravessada, bem como por seus modos de ler e se apropriar dos textos lidos, é possível dizer que ela convence seu leitor, sobretudo de sua inocência como articuladora do assassinato da primeira preceptora. Mas ao chegar aos capítulos finais, o leitor empírico se depara com uma protagonista que apresenta um modo específico de uso do texto literário. Os crimes “perfeitos” e tingidos de certo requinte anunciam um uso pérfido da literatura. O ato de ler passa, aparentemente pelo menos, para o campo do uso prático. Esse uso do texto literário se coloca noutra extremidade da leitura como fruição.

A leitura literária parece proporcionar à menina que não sabia ler aquele espaço que habitavam personagens como Quixote e Bovary, uma espécie de mistura entre ficção e realidade. O sentido dos textos percebido por ela era refletido em suas atitudes e estratégias de sobrevivência. Suas leituras, alimentadas com a imaginação

fértil que possuía, eram simuladas nos atos de seu viver, para tanto Florence é aquela leitora que devora o texto e nutre o seu estado de espírito. Essa correlação pode ser vista em vários momentos da narrativa como, por exemplo, quando Florence elabora uma imagem de algo que visualiza:

Um dia, estava na torre e ergui os olhos do livro, contrariada com esse método de leitura maluco de quatro minutos e, pela janela vi uma gralha bicando alguma coisa na neve. A cena era um retrato perfeito do meu novo estado de espírito. A neve perfeitamente branca, a gralha preta como uma mancha no lençol recém-lavado (...). (HARDING, p. 48, 2010)

Essa gralha preta, que figura a imagem do estado espiritual da personagem, pertence à mesma família do corvo, *corvidae*. Se por um instante acreditarmos na narradora, pode-se dizer que, então, essa gralha preta representa o sofrimento que Florence suportava dentro de si por estar longe do irmão Giles. A ave seria o próprio irmão e, por isso, ela esperava todas as noites como por uma luz brilhante que lançasse na neve a sombra do irmão (HARDING, 2010). As relações com o eu-lírico de “O corvo”, de Edgar Allan Poe, parecem estar além da identificação com uma ave, elas bordejam as sensações que o eu-lírico e a narradora imprimem. Tanto pelos hábitos noturnos, pela solidão, pela espera, pela morte, mas também pelo estranho deslocamento que sentem diante da vida.

Para usar outra categorização de Piglia (2006, p.21) para leitor, é possível afirmar que Florence é uma leitora viciada, “que não consegue deixar de ler”. Ela desenvolve todas as estratégias possíveis para conseguir ler durante o dia e a noite, desde furtar velas – que não podiam ser inteiras, para que os criados não percebessem –, marcar o tempo de leitura de cada página – para não ser surpreendida em seu “ato criminoso” –, passando por sutilezas como esconder o livro no bordado – para agir como uma menina “normal” de sua idade e época. Para além de um agir de maneira sutil e perfeita em seus engodos, ela é uma leitora insone e sempre desperta (PIGLIA, 2006), atenta aos detalhes da narrativa. Como Egeu em *Berenice*, Florence tem seus anos de infância ligados a uma biblioteca e seus livros. Ambos consumiram a “infância nos livros” e dissiparam a “juventude em devaneios(...)” (POE, 2010, p.133). Eles amam a biblioteca, estar nela, sugar o que há de melhor, são devoradores de livros e mais livros.

Semelhante às ações ocorridas em *Berenice*, o mesmo se pode dizer das estratégias de Florence para “salvar o seu irmão” da senhorita Taylor, quando o leva ao dentista somente para chegar à cidade para falar com o capitão de polícia. Na impossibilidade de saber qual dente está infectado, o dentista retira vários dentes de leite de Giles. Os leitores de Poe lembrarão, facilmente, que nesse conto há certo desejo pelos dentes de Berenice, que Egeu arranca todos para ele, com a sua prima ainda viva.

Sendo leitora insaciável de Poe, Florence usa as mesmas estratégias do homem de *O coração delator* para entrar no quarto de sua preceptora à noite e espiá-la. Situação próxima – uma espécie de experiência e de identificação com a personagem de *O enterro prematuro* – é o que ela faz noutro momento da narrativa, como se pode ver:

Muitas vezes, à noite, faço a cama apertada e depois entro debaixo das cobertas e deito com os braços rígidos dos lados, como se estivesse dentro do meu caixão. Seguro a respiração e imagino que a escuridão do quarto é o escuro dentro do meu túmulo. Imagino a tampa do caixão em cima de mim. Penso no meu funeral, em todos que conheço, (...) vendo-me ser baixada, encolhendo-se ao ouvirem a primeira pá de terra batendo na tampa do caixão, e aquele som ficando surdo gradualmente, enquanto minha cova se enche, apenas terra por cima de terra. (...) E, com meus pensamentos voltando para meu corpo supostamente morto, lembro-me de “O enterro prematuro”, de Poe, e me imagino ainda viva, gritando que quero sair, arranhando com as unhas a tampa do caixão, mas, com dois metros de terra acima de mim, ninguém consegue me escutar gritando e gritando, até que primeiro minha voz diminui, vai se resumindo a um lamento e depois a nada; fico deitada e ouço minha própria respiração até acabar todo o ar, e então não há mais respiração ou escuta porque não há mais absolutamente nada. (HARDING, p. 159-160, 2010)

O bovarismo da menina apresenta seu modo de ler o texto literário: um viver a experiência do outro, fazendo do seu mundo imaginário e dos conhecimentos adquiridos nas literaturas o seu mundo real. Nessa perspectiva, ela possui similaridade a uma leitora perversa, que vive o que lê; que transforma em prática o enunciado no texto literário. Tanto que desdobra sua experiência de sufocamento no “enterrar vivo” – experiência narrada em mais de um conto de Poe – ao jogar a preceptora no poço. Ademais, caracteriza Florence como uma leitora cruel e fria, beijando Theo em sua morte e cantarolando enquanto descarrega seu corpo do carrinho para a carruagem que o levará para frente do bosque próximo à sua casa, simulando ter morrido por um ataque de asma. São os “crimes perfeitos”, lidos, articulados e executados.

Florence procura resolver seus problemas por meio daquilo que lê, caracterizando-se como leitora visionária, “que lê para saber como viver” (PIGLIA, 2006, p.23). Como possuidora de uma expertise literária, ela – como afirma Cosson(2014, p. 74) – “toma o texto como uma confirmação do que já se sabe ou que se deseja reforçar, abordando-a pela sua temática, estilo ou gênero”. Os modos de identificar com o texto literário, sem sombra de dúvida, são modo de aderir à vida. Essa forma de perceber o literário como remédio e, por outro lado, veneno, reaparece sempre: “(...) Poe, que eu sempre amara talvez mais que qualquer outro autor, exceto Shakespeare, é claro, estava tendo um efeito depressivo sobre o meu espírito. Havia horror demais em minha própria vida para querer ler a respeito. (...)” (HARDING, 2012, p. 167)

Como leitora de *Romeu e Julieta*, *Otelo*, *Hamlet*, e *Macbeth*, Florence aprendeu a lidar com os sentimentos mais caros e dolorosos do ser humano: amor, ódio, vingança, ambição, tirania, fraqueza, suicídio, mentira, assassinato, traição, usurpação do poder e, noutra ponta, também como sobrenatural. Os efeitos dessas obras incidem, como se sabe, no cotidiano de Florence, em um processo de mimetização do lido. Em última instância, a leitura literária é um modo de viver a ficção, experimentar a linha tênue entre a realidade e o imaginário. Ela se encontraria nesse lugar em que realidade e imaginário se misturam, naquele ponto em que, como leitora, precisa ler para sobreviver, ler para saber como agir: a leitura que faz o existir.

Algumas considerações finais

Como personagem-leitora, Florence apresenta alguns modos de identificação com o texto literário, produzindo formas de aderir, pelo ato de ler, às suas práticas ficcionais. Como figuração de leitura e de leitora, ela poderia ser vista como um exemplo das possibilidades que a leitura literária exerce sobre quem a experimenta. As formas de ler, de se apropriar e de manusear livro e texto literário acabam por não ser algo controlável, tanto que, como leitora, depreende um “estilo particular” de ler. A menina, que inventava palavras e com elas narrativas, experienciava suas leituras unindo o seu mundo imaginário ao seu mundo real. Colocando-a numa espécie de fronteira frágil do narrável, essa dualidade de atitudes, como interpretante de textos ficcionais e narradora de si, a torna uma leitora determinada e insaciável. Pode-se inferir, apropriando-se do que afirma Graça Paulino (2007, p. 146), que a menina que

não sabia ler é um exemplo de que “leitores se formam mesmo é através de suas próprias leituras, e estas se dão em diversos espaços sociais, em diversos momentos da vida, em diversos momentos de relacionamentos humanos, em diversas circunstâncias culturais [...]”.

Florence busca na literatura uma forma de organizar e harmonizar o seu mundo interior, fazendo uso do texto em seu próprio benefício. Suas escolhas literárias recaem sempre no que foi institucionalizado como canônico, de maneira que o processo, pelo menos em hipótese, humanizador de um ideário literário, parece vacilar. A questão se desdobra porque revela o *status quo* do leitor como sujeito subjetivo, capaz de “compreender” aquilo que lê. Pode-se retomar a pergunta inicial deste trabalho: o que é um leitor? Na impossibilidade de caracterizar de forma segura, reitera-se a resposta de Piglia (2006, p. 25) que vê no próprio texto literário (“inquietante, singular e sempre diverso”) a margem espelhada do leitor. O espelho – metáfora motriz tantas vezes usada pela crítica literária e na literatura – parece conduzir também o jogo especular entre o leitor, a leitura e o texto literário.

Florence não é uma leitora que lê mal, que se equivoca na compreensão do texto literário. Ela lê “o real perturbado e contaminado pela ficção” (PIGLIA, 2006, p.28), vivenciando toda a imaginação criada por meio das narrativas que compõem sua prática enquanto leitora de literatura. Esta constitui um elo entre a realidade e a ficção, fazendo-se um diálogo com o mundo do outro. Por outro lado, a dificuldade de manusear livros fez com que ela desenvolvesse técnicas criativas, desonestas e, muitas vezes, fatais para alcançar os livros e deles desfrutar, evidenciando que, “a formação de leitores se desenvolve o tempo todo, ao longo da vida inteira, às vezes com lentidão, às vezes com dificuldades, às vezes com um ritmo alucinado e surpreendente para o próprio sujeito que se perde em suas leituras.” (PAULINO, 2007, p. 146). As suas escolhas e formas de uso das leituras literárias, em última análise, representam os significados que ela dá para o texto literário, apoderando-se de um modo de existir que altera o sentido da realidade. O bovarismo da personagem-leitora revela a utilização do texto literário como instrumento que influencia suas atitudes frente aos seus conflitos sociais. A literatura é reveladora do sujeito-leitor interpelado pelas interpretações de suas leituras.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- CANDIDO, A. *O direito à literatura*. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- ECO, H. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HARDING, J. **A menina que não sabia ler**. Trad. Elvira Serapicos. São Paulo: Leya, 2010.
- ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético** – vol. 2. São Paulo: Edição 34, 1999.
- JOUBE, V. **Por que estudar a literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.
- KLEIMAN, Â. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas – SP: Mercado das letras, 1995.
- MACHADO, A. M. *Sangue nas veias*. In: FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.
- PAULINO, G. *O mercado, o ensino e o tempo: o que se aprende com a literatura que se vende?* In: **Literatura: saberes em movimento**. PAIVA, Aparecida et. al. (org.) Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.
- PIGLIA, R. **O último leitor**. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- POE, E. A. **Histórias extraordinárias**. Trad. José Paulo Paes. Belo Horizonte: Boa Viagem, 2010.
- SCHNEIDER, M. **Ladrões de palavras**. Trad. Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.